

# TERRA EM TRANSE: BESTEIRA, CINISMO E SÍNDROMES AUTORITÁRIAS<sup>8</sup>

*Benito Eduardo Araujo Maeso<sup>9</sup>*

## **Resumo**

Em *A Personalidade Autoritária*, Adorno lista algumas características psicossociais que marcam o comportamento de indivíduos que, sob determinadas circunstâncias, dariam vazão sem pejo a delírios anti-democráticos e opressores, classificando tais comportamentos como síndromes e tipos psicológicos assemelhados ao delírio e à paranoia. Dentre estes, a alucinação e o cinismo – a recusa deliberada entre verdadeiro e falso – são conceitos-chave para a compreensão do desejo autoritário dos indivíduos. Já Deleuze observa que um dos pilares de sustentação do que denomina de microfascismo se encontra na chamada besteira, afirmação da totalidade de um único pensamento dominante sobre a multiplicidade que é constitutiva da sociedade. Assim, se a identidade dos indivíduos tende à paranoia, seu dialeto de expressão seria, em si, a própria besteira. Este texto busca, a partir desta aproximação conceitual, analisar a expressão de comportamentos antissociais na atualidade brasileira. Afinal, se, como dito por Deleuze, o papel da filosofia é combater à besteira, o que fazer numa sociedade na qual esta virou sinônimo de verdade?

**Palavras-chave:** besteira; cinismo; autoritarismo; alucinação; Brasil

8 Este artigo expande elementos apresentados no minicurso “Besteira, cinismo e *fake*: modos de combate” ministrado no XIX Encontro Nacional ANPOF nos dias 11 e 12/10/2022. O conteúdo do curso é derivado da disciplina ministrada no PGFILOS-UFPR sobre o autoritarismo social no primeiro semestre de 2022.

9 Pesquisador em pós-doutoramento da FFLCH/Universidade de São Paulo. Professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFPR. Pesquisador Associado do Centre Marc Bloch e da Humboldt Universität Zü Berlin. Professor do IFPR – Campus Colombo. Autor de *As Diferenças em Comum: Deleuze, Marx e o Agora* (2020). E-mail: benito.maeso@ifpr.edu.br

## “EARTH IN TRANCE”: BÊTISE, CYNICISM AND AUTHORITARIAN SYNDROMES

### Abstract

In *The Authoritarian Personality*, Adorno lists some psychosocial features that characterize the behavior of individuals who, under certain circumstances, would embrace antidemocratic and oppressive delusions. He classifies such behaviors as syndromes and psychological types that are similar to delirium and paranoia. Among these, hallucination and cynicism - the deliberate refusal between true and false - are key concepts in understanding the authoritarian desire of individuals. Deleuze, on the other hand, observes that one of the sustaining pillars of what he calls microfascism is found in the so-called *bêtise* (stupidity), an affirmation of the totality of a single dominant thought over the multiplicity that is constitutive of society. Thus, if the identity of individuals tends toward paranoia, their dialect of expression would itself be *bêtise*. This article seeks, using these conceptual approaches as a standpoint, to analyze the rise of antisocial behavior in current Brazilian society. After all, if, as Deleuze said, the role of philosophy is to combat against *bêtise*, what can philosophers do in a society in which *bêtise* and truth has become synonymous?

**Keywords:** *bêtise*; cynicism; authoritarianism; hallucination; Brazil.

Porto Alegre, 22 de novembro de 2022. Em frente ao quartel do Exército, dispostos em círculos, manifestantes inconformados com o resultado do segundo turno das eleições para a presidência da república, na qual o ex-presidente Lula (PT) derrotou o concorrente à reeleição Jair Bolsonaro (PL), ligam as lanternas de seus telefones celulares e apontam para o céu, entre gritos pedindo ajuda de seres intergalácticos para destituírem o candidato eleito e restaurarem a “ordem”<sup>10</sup>.

A despeito do inusitado e cômico que cerca o fato, este pode ser entendido como sintoma de um problema maior que perpassa o tecido social, a saber, o desafio da convivência entre pessoas com visões de mundo não apenas diferentes, mas em muitos momentos abertamente antagônicas e hostis entre si. Ao lado de cada um ou uma de nós, existem pessoas aparentemente detentoras de conhecimento, ponderação ou de modos até simpáticos, daquelas que educadamente saúdam os demais no elevador e perguntam do tempo, mas que, sob determinados estímulos, abraçam sem pejo comportamentos e ideias claramente irracionais, hostis e delirantes. Ainda que isto não seja exatamente um processo novo, é consenso que tal paradoxo foi potencializado com a ascensão das redes sociais e de relacionamento, assim como à enxurrada do que se convencionou chamar de *Fake News*. Porém, algo mais profundo do que um embate entre certo e errado,

10 Jornal A Tarde, edição de 22/11/22. Disp. em <https://atarde.com.br/politica/brasil/bolsonaristas-pedem-por-intervencao-alienigena-em-porto-alegre-1212223>. Acesso em 29/11/2022 12:08

verdadeiro e falso, no qual bastaria mostrar a verdade e assim libertar tais concidadãos e concidadãs deste transe hipnótico, parece operar neste processo psicossocial.

O assim chamado *fake* mostrou-se permeado de uma concretude da qual não se suspeitava, possuindo dimensão material e apresentando efeitos visíveis e profundos na chamada realidade, desnudando e amplificando o ressentimento latente, a antipolítica e a mentalidade de competição de todos contra todos que já estavam presentes na sociedade.

Logo, se tais elementos já existiam no tecido social, suas origens são anteriores à sucessão atual de eventos que se alternam entre o cômico e o trágico. Para entender os processos originários destes fenômenos, é preciso retornar a tentativas anteriores de explicação de eventos que guardam certa proximidade com os atuais, para então buscar mobilizar e articular forças de criação com potencial para uma intervenção concreta em uma realidade (um constructo social, material e ideológico) que, em seu cerne, funciona dentro dos ditames de conceitos como os de Cinismo e Alucinação, conforme Theodor Adorno, e Besteira, conforme Gilles Deleuze. Também será feito recurso ao pensamento de Marilena Chaui sobre o que a autora denomina contradiscurso – uma operação conceitual na qual as contradições de uma ideologia são exploradas e radicalizadas de forma imanente – como possível estratégia de ruptura do discurso cínico, alucinado e cheio de besteira que domina o debate político dentro de grupos e comunidades.

### Besteira e delírio

Gilles Deleuze dirá que uma das funções da filosofia é constringer a besteira com todas as forças, “fazer da besteira algo vergonhoso. [A filosofia] Não tem outra serventia, a não ser a seguinte: denunciar a baixeza do pensamento em todas as suas formas” (DELEUZE, 2018a, p. 136). Mas, ao mesmo tempo que define um objetivo para o ato filosófico, o autor francês acaba por trazer à baila a seguinte questão: afinal, o que é essa besteira que tanto deve ser combatida?

A besteira não pode ser confundida com o erro. Um discurso ou um pensamento podem ser construído inteiramente de verdades e acertos, porém ser completamente “besta”, isto é, expressão de um modo limitado de pensar (Cfe. DELEUZE, 2018a, p.105) no qual há a imposição de um modo de pensar dominante sobre as multiplicidades dos chamados “dominados”. A besteira seria um tipo de avesso do pensamento, seu reflexo distorcido: a baixeza pensada. Um pensamento não-efetivado, não diferenciado, um fundo indeterminado que, todavia, se apresenta ao sujeito como possibilidade *do pensar e para pensar*. E falar besteira não pode ser resumido em proferir um discurso tolo ou sem fundamento, mas significa a ação daqueles que se contentam com a reprodução sem critério de questões, discursos e

chavões já conhecidos. A besteira não é fruto do não saber, mas de uma falsa sensação de conhecimento<sup>11</sup>.

Para Deleuze, “a besteira não é nem o solo nem o individual, mas a relação na qual a individuação traz o solo à superfície sem conseguir lhe dar forma” (2018 a, p. 151), ou seja, a besteira constrói-se na interação entre indivíduo e mundo-cultura, reforçando a rigidez das formas de compreensão e si e do mundo,

A começar pela mais perigosa, embora inevitável, das fixações: aquela que incide sobre a pessoa, sobre o *eu* [*moi-je*], este vírus moderno e contemporâneo de onde saiu toda imagem do pensamento, de onde emana todo dogmatismo, de onde decorre toda besteira. (...) Pois é exatamente em torno do “eu” que a besteira se forma, com seu rosto de olhos fixos, segura de si mesma, surgindo do fundo dos lugares-comuns, das ideias feitas, dos falsos problemas<sup>12</sup>.

Logo, a besteira é uma afirmação de uma falsa identidade do “sujeito” que a proclama, o que leva à conclusão, conforme Zabunyan (*apud* STIEGLER, 2015, p. 46), de que a besteira em si deve ser compreendida como “minha própria besteira”, tendo um caráter individual e simultaneamente de grupo, se for possível vê-la como sendo fruto de um processo simultâneo de individuação e desindividuação. Se o ser humano é capaz de produzir besteira, isso ocorre por que seu processo de individuação parte de elementos constitutivos do tecido social dos quais nenhum indivíduo consegue realmente se libertar totalmente. Assim, a formação da identidade é simultaneamente um processo de afirmação e reforço de valores cuja realidade se encontra fora do indivíduo e que o desindividualizam, o reduzindo a padrões pré-formatados e identidades fixas.

Se a identidade é paranoica e obsessiva, autorreferente e solipsista, a besteira é o dialeto no qual tais características se expressam livremente, o que é visível na afirmação da identidade do “cidadão de bem” como portador de uma moral socialmente perdida que deve ser resgatada a qualquer preço. Como diversos vídeos de TikTok mostram, os autointitulados “defensores da liberdade, de Deus e da Pátria/família” – é importante lembrar que o próprio conceito de pátria é uma expansão das relações de poder do *pater* com seus filhos e filhas – usam

11 Stiegler (2015) em seu estudo sobre a besteira em Deleuze, faz uma provocativa e interessante referência à posição hegeliana sobre a ilusão do conhecimento, a qual, para este comentador, conjuga-se admiravelmente à visão deleuziana sobre besteira e, por extensão, o senso comum, tido como de conhecimento pleno pelas pessoas, como perpetuador desta modalidade discursiva e de pensamento: “O bem-conhecido em geral, justamente por ser *bem-conhecido*, não é *reconhecido*. E o modo mais habitual de enganar-se e de enganar os outros: pressupor no conhecimento algo como já conhecido e deixá-lo tal como está” (HEGEL *apud* STIEGLER, 2013, p.171). Essa falsa sensação de conhecimento detalhada por Deleuze parece dialogar com os conceitos de discurso competente, conforme Chauí, e de Semiformação, conforme Adorno, o que abre espaço para estudos posteriores sobre o tema.

12 SCHÉRER, 2005, s/p

como justificativa para sua guerra santa contra o diferente a necessidade de *salvar o futuro* para seus herdeiros.

### Alucinação coletiva

Esta definição e caracterização da besteira acaba por apresentar pontos em comum com a definição de ideologia enquanto forma de compreensão, operação e existência organizada e a partir do conjunto de determinantes culturais e sociais que se complementam às convicções prévias do indivíduo ou grupo, tendo *sentido* e *valor* para tais. Este caráter lacunar do discurso ideológico (cfe. CHAUI, 2016, *passim*) faz o ouvinte completar os espaços conceituais-discursivos como desejar, gerando identificação com o agente propagador e com a informação enviesada, ou seja, com a besteira.

Tal processo de atribuição de sentidos relaciona-se com a dissolução da divisão epistêmica, social e de significados entre os conceitos de verdadeiro e falso. Partindo-se do postulado de que o determina tal separação é o sentido (campo cuja extensão é maior do que cada um destes conceitos – verdade e/ou falsidade - separadamente), qualquer pensamento ou informação *podem* ser consideradas “verdadeiras” desde que façam sentido para o agente discursivo. Em segundo lugar, porque a construção deste sentido ideológico exige um movimento simultâneo de negação de tudo que não se encaixa no discurso – mesmo que sejam pensamentos ou fatos mensuráveis – e de validação das convicções prévias sob um verniz de mensurabilidade ou correspondência, de forma a organizar psicologicamente as contradições que operam tanto no manejo das informações como na personalidade do indivíduo, dando-lhes a coerência que uma análise puramente factual das informações apontaria como inexistente.

Este segundo processo, crucial até mesmo para conceituarmos a besteira, já é rastreado por Adorno (2019, *passim*) em seus estudos sobre a sobrevivência do autoritarismo no pós-II Guerra. Dois traços fundamentais são salientados pelo autor alemão sobre o indivíduo que reúne em si as condições para o desenvolvimento da personalidade autoritária: suas características cínicas, entendendo estas como a dificuldade ou negação da separação entre falso e verdadeiro, conforme já descrito, e o que Adorno chama de tipo social *Alucinado*. Neste, o problema da separação falso/verdadeiro, ou da atribuição de sentido, é abordado por outro prisma: o falso torna-se o próprio índice de verdade em si, uma verdade construída sem necessidade de correspondência completa aos dados e que passa a ter valor absoluto para quem a abraça, o que, no limite, chega a abarcar o próprio conceito do real e sua compreensão deste.

O alucinado tem, como características básicas, uma profunda sensação de frustração em relação às relações sociais que almeja estabelecer, tendendo ao isolamento e à elaboração de um mundo interior imaginário e de alta complexidade. Também se caracteriza por traços

paranoides e propensão ao fanatismo em torno de um ideal, um líder ou uma ideologia, na qual buscam expressar uma sensação de falsa superioridade em relação aos demais integrantes do *ingroup* (do qual faz parte) e do *outgroup* (os grupamentos sociais externos à célula social que lhe dá abrigo e segurança). Muitas vezes isso é percebido pelo profundo preconceito que tal indivíduo sente em relação aos integrantes do *outgroup* e por sua necessidade de demonstrar um conhecimento ou erudição sobre temas diversos, ainda que, na realidade, não tenha domínio de tais assuntos. Aqui, o conceito adornoiano conversa diretamente com a posição deleuziana de que a besteira é caracterizada não pelo desconhecimento, mas pela ilusão de conhecimento.

À pseudo-coesão discursiva, ainda que recheada de contradições patentes como “intervenção militar para a manutenção da democracia”, segue-se a pseudo-coerência entre discurso e prática, ou entre fato e convicção. Assim como a novilíngua mostrada por George Orwell em sua obra *1984*, com oximoros como “Guerra é paz, escravidão é liberdade, ignorância é força”, a aliança entre o comportamento cínico e a personalidade alucinada funciona inclusive pelo fato de que o sujeito que adota tais discursos e práticas não percebe (ou ignora deliberadamente) a dissonância cognitiva existente entre sua visão de mundo e os processos que ocorrem na realidade.

Uma pessoa que realmente creia que a Terra é plana, e não um geoide, acreditará que os fatos da realidade *ocorrem e se explicam* metodologicamente tendo esta característica (o planeta plano) como axioma prévio, independentemente do consenso científico e das explicações corroboradas em sentido contrário à crença deste sujeito. Em uma perversão do método cartesiano, o fato da pessoa poder pensar tal absurdo dá a ela a convicção de que *há valor de Verdade* no pensamento apenas pelo fato de tal pensamento poder ter sido formulado. Ou, ainda, o indivíduo alucinado e cínico pode até ter consciência do alcance de seus atos, mas deliberadamente prefere não se importar com isso ou se esconder sob o dístico de “apenas cumprir ordens” em nome de uma universalidade fictícia ou uma coerência de superfície entre ação e pensamento.

Também é preciso observar que, conforme Adorno, o tipo alucinado apresenta uma interessante característica que parece se conjugar admiravelmente ao estabelecimento de verdades próprias ou customizadas: a tendência de tais indivíduos em abraçarem teorias da conspiração, o que ocorre pela necessidade de se sentirem superiores aos demais (visto que “conheceriam” segredos vedados à maioria) e, ao mesmo tempo, também como parte de uma comunidade na qual encontram acolhimento, reconhecimento e validação de seus raciocínios. O estapafúrdio, a besteira e a falsidade passam a ter validação não por seu conteúdo, mas pelo modo de apresentação e pelas fontes de emissão. As constantes histórias sobre reviravoltas de última hora a respeito dos resultados eleitorais do último pleito sendo planejadas e executadas em segredo pelo grupo do capitão Messias e seus acólitos (histórias que surgem, a cada 72 horas, tanto nos EUA entre os desiludidos com a derrota de Trump como aqui no Brasil), em um plano espetacular que,

no momento certo a ser aguardado, salvaria a Nação e desmascararia uma ou todas as fraudes das quais seus seguidores estão convencidos da ocorrência (postura pejorativamente chamada nos grupos de Internet de “os cavaleiros do aguardem”), assim como as teorias de que o presidente eleito foi substituído por um sócia<sup>13</sup>, entre outras, sugerem que a distorção da realidade é efeito da construção de um ecossistema informacional no qual, por um simples processo de identificação, cada indivíduo funciona como emissor de informação e como validador da informação advinda de outra pessoa. Em suma, um delírio autorreferente a nível pessoal e grupal, no qual o único critério de distinção entre falso e verdadeiro é a convicção prévia dos integrantes do grupo, que precisam disso para dar sentido a seus discursos e ações.

### **PENSAR besteira, DIZER Besteira, FAZER besteira: há diferenças?**

Ao nos debruçarmos no quadro nacional, não faltam exemplos de besteira, alucinação e cinismo no amálgama de verdeamarelismo, populismo do Messias, negacionismo científico e neoliberalismo selvagem que nos cerca, referendados pela circulação ininterrupta de informações em aplicativos de mensagens e redes sociais cujo valor de verdade é reforçado pela identificação com o emissor da informação. Mas, para além de saber quais seriam as condições que permitiriam a construção do sentido (e da negação de sentido) dos valores de verdade, falsidade, identidade e diferença, urge passar do discurso à prática. O que podem fazer aqueles que lidam com a busca da verdade numa sociedade na qual a alucinação, o cinismo, a besteira como *modo de vida*, o mais bem-acabado exemplo do Falso, viraram sinônimos da própria verdade concreta?

Quem pensa contempla a besteira – como discurso baixo ou como fundo que nos provoca a reação de constrangimento – e é tomado/a por um ímpeto de vergonha que se volta contra o objeto contemplado ou pensado de forma simultânea, para que este objeto/pensamento seja, de alguma forma, constrangido. Deste constrangimento surge o que Deleuze chamaria de “ato criativo” do pensamento: o confronto com os consensos já estabelecidos – portadores das besteiras – abrindo as potências criadoras do pensar. Assim, o filosofar funcionaria como uma barreira contra o excesso de besteira que o próprio pensamento pode produzir.

A partir do que Austin (*apud* STIEGLER, 2013, p. 159-160) observa sobre a dimensão performativa da linguagem, não há realmente uma diferença ou separação entre pensamento e ação, visto que discursos

13 Esta teoria tem uma variação especialmente delirante que circula em grupos de pessoas revoltadas com o resultado da votação do dia 31 de outubro: a de que, novamente por meio da intervenção alienígena, as mentes do atual e do próximo ocupante do Planalto foram trocadas de corpo. Por causa disso, ainda que o atual ocupante derrotado não ocupasse corporalmente a cadeira de presidente, seria ele que exerceria o poder pelos próximos anos.

são perpassados e perpassam a realidade. A construção de um discurso que impõe identidades e valores de negação da diferença – um discurso alucinado, cínico e pleno de besteira – equivale às ações que são validadas e validam tal discursividade. Este *looping* referencial, no qual o que conta como baliza de veracidade é o viés prévio de confirmação, explica como opera a retroalimentação entre discursos alucinados e atitudes como a que abre este texto: se os fatos negam o discurso, os fatos estão errados.

### Contra a alucinação e a besteira, contradiscursos?

Em síntese, a questão a ser enfrentada é como combater a besteira e a alucinação para pessoas que, por comodismo, interesse ou paranoia, recusam-se a ouvir qualquer fato dissonante de sua convicção inicial. Alguns caminhos podem residir em uma apropriação do conceito de contradiscurso, conforme abordado por Chauí: promover o desmonte do discurso ideológico – o discurso da besteira – não pelo preenchimento daquilo que supostamente lhe falta, mas pelo reconhecimento das fraturas, buracos e paradoxos deste discurso, o que permitiria produzir o desmantelo de suas ideias de forma imanente, ou seja, “encontrando uma via pela qual a *contradição interna* ao discurso ideológico o faça explodir” (CHAUI, 2013, p.139).

Abandona-se, então, uma lógica de falta, de busca da universalidade, para o engendramento da singularidade do objeto analisado, evitando a oposição e carência em relação ao universal (ideológico) e buscando a gênese do singular capaz de desmantelar a própria ideia desta universalidade naturalizada. Virar a besteira pelo avesso, de forma imanente, não transcendente a ela, mostrando suas contradições a partir de sua própria enunciação, da prece ao *meme*? Ou, em uma ótica mais próxima à de Adorno, uma contestação simultânea da importância deste discurso autocentrado e um apelo aos interesses diretos das pessoas que replicam tal discurso? Como observado pela professora Sabrina Fernandes em sua conta na rede de *microblogging* Twitter, uma possibilidade é “perguntar o que a pessoa vê de importante naquela informação” (referindo-se, no dia 07/10/2022, a uma *Fake News* de que a deputada travesti Erika Hilton seria ministra em um governo Lula). A notícia é sabidamente mentirosa, mas qual seria o problema se fosse verdadeira? Muitas pessoas apenas replicaram tal informação sem nem refletir sobre seu significado ou avaliar se tal fato realmente teria impacto em suas vidas.

Do contradiscurso, pode-se ambicionar uma contra-prática, uma contra-ação? Numa sociedade que, de cima a baixo, mostra-se cínica no sentido adorniano, o cinismo é acompanhado pela busca da satisfação dos interesses individuais sobre os coletivos. Paradoxalmente, quanto mais convencidos os indivíduos estão de que suas ações alucinadas convergem na direção de tal satisfação, mais é perceptível que os efeitos reais de seus atos vão contra esta premissa. Seria uma estratégia

possível partir deste paradoxo de interesses para, dialeticamente, extrair um “universal provisório flutuante” a partir destes singulares? Uma política *menor* que não opere significantes vazios no qual a pessoa precise se reconhecer ou reconhecer sua identidade, mas que crie tal identidade e reconhecimento a partir da imbricação indivíduo/grupo? Como é possível a alguém imerso nesta realidade própria perceber que seus interesses concretos somente podem ser realmente atendidos fora do delírio alucinatório no qual julga viver (ou, em termos muito cotidianos, a promessa do acesso à arma, vestir-se de azul ou rosa ou evitar banheiros *unissex*, seja o que isso for, não coloca mais comida na mesa do trabalhador)? A luta contra a besteira, a alucinação e o cinismo exige uma dimensão material que se coloca para além da simples denúncia de ideologias ou da promoção de bandeiras de construção de um tecido social diverso: passa, novamente, pela luta franca para o entendimento e apropriação, pel@s individu@s, da compreensão de que é preciso transformar suas condições de vida de forma simultaneamente individual e coletiva. Contra os discursos da besteira, do cinismo e da alucinação, a realidade dos fatos.

### Referências

ADORNO, Theodor W., **Aspectos do novo radicalismo de direita**. SP: Ed. Unesp, 2020

\_\_\_\_\_, **Estudos sobre a personalidade autoritária**. SP: Ed. Unesp, 2019

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. RJ: Zahar, 1985

CHAUÍ, Marilena. **Contra a servidão voluntária**. Escritos v.1. BH: Autêntica, 2013

\_\_\_\_\_, **Manifestações ideológicas do autoritarismo brasileiro**. Escritos v.2. BH: Autêntica, 2014

\_\_\_\_\_, **Sobre a Violência**. Escritos de Marilena Chauí v.5. BH: Autêntica, 2017

\_\_\_\_\_, *Ideologia e educação*. **Educ. Pesqui.**, SP, v.42, n.1, p.245-257, jan-mar/2016

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. 1ª. ed. SP: Paz e Terra, 2018a

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a Filosofia**. SP: n-1, 2018b

SCHÉRER, René. *Aprender com Deleuze*. **Dossiê: “Entre Deleuze e a educação”** • Educ. Soc. 26 (93) • Dez 2005 • <https://doi.org/10.1590/S0101-73302005000400003>

STIEGLER, Bernard. *Doing and saying stupid things in the twentieth Century: bêtise and animality in Deleuze and Derrida*. Trad. Daniel Ross. **Angelaki**, n. 18, vol. 1 (2013), pp. 159-174. DOI: 10.1080/0969725X.2013.783436

\_\_\_\_\_. **States of Shock: stupidity and knowledge in the XXIst Century**. Cambridge: Polity, 2015